

# A BRAVA NAÇÃO PERDIDA



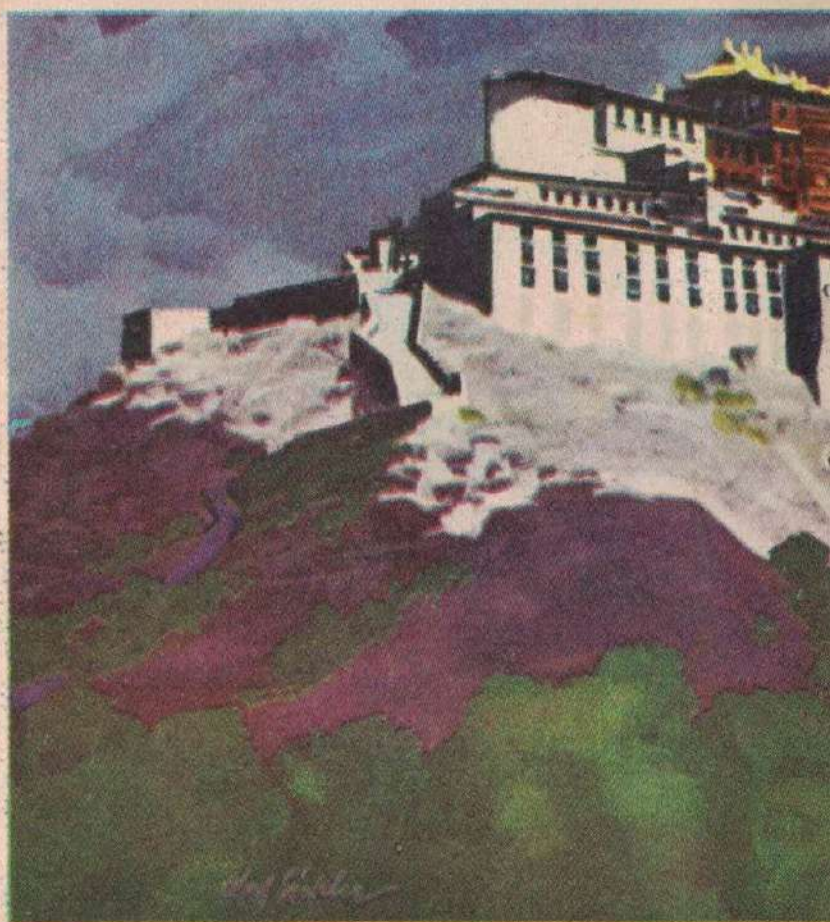
## A Queda Trágica do Tibete

Condensação de "FROM THE LAND OF LOST CONTENT" de  
**Noel Barber**

Noel Barber

# A BRAVA NAÇÃO PERDIDA

A  
Queda Trágica  
do Tibete



*Atrás das montanhas mais altas do mundo, o Tibete existira durante séculos como um reino de mistério, uma terra de mosteiros, monges-cantores e um povo reverentemente sereno. Mesmo depois da ocupação pelos chineses, há quase 20 anos, o Dalai Lama, o governante místico do Tibete, instava com o seu povo para que vivesse em paz com os invasores. Mas a brutalidade acabou por tornar-se intolerável. Em 1959, o Tibete explodiu em revolta.*

*O escritor e jornalista Noel Barber viajou mais de 55.000 quilômetros a fim de colhêr material para esta primeira narrativa completa do desesperado e malfadado levante do Tibete. Enquanto trabalhava no livro, que levou dois anos para completar, viveu com tibetanos na Índia, entrevistou o Dalai Lama e falou com dezenas de refugiados através do mundo. O resultado é um documento indiscutivelmente histórico, cheio de novas revelações. É também um pungente relato de uma das tragédias mais cruéis dos tempos modernos.*



**n**ENHUM VIAJANTE que viu o Potala jamais deixou de ficar maravilhado. Dominando o Vale de Lassa, tornando ínfimas por comparação as casas que lhe ficam na base, é o maior edifício do Tibete e um dos mais espetaculares do mundo. Duzentos e cinquenta degraus, tão largos que podem subir por êles vários cavaleiros lado a lado, cortam a metade inferior da colossal fachada branca. Acima da escadaria fica a parte média, de côr castanho-avermelhada, da qual pende uma enorme tapeçaria de pêlo de iaque com quase 25 metros de comprimento. Mais acima ainda os pagodes e pavilhões dourados do teto cintilam

no ar da montanha contra um fundo incomparável de picos cinzentos e brancos do Himalaia.

No interior dêsse vasto edifício, com 135 metros de altura e 275 metros de comprimento, havia, nas palavras do Dalai Lama, governante do Tibete, "uma cidade em si". Êle mesmo, depois de viver ali durante anos, confessou: "Nunca pude conhecer todos os seus segredos." Eram 19 andares de corredores sombrios e escadas íngremes como escadas de mão que levavam a mil aposentos em que se alojavam sacerdotes, monges e políticos. Havia bibliotecas e depósitos repletos de livros com iluminuras, estoques de víveres, paióis

de armas, tesouros dos Dalai Lamas anteriores e as insígnias de ouro dos antigos reis do Tibete. Era a sede do poder espiritual tibetano e foi ali que o Dalai Lama e seus ministros tentaram durante mais de oito anos encontrar um meio de viver em paz com os comunistas chineses que tinham invadido seu país e tinham-se tornado seus senhores.

Uma manhã, em meados de fevereiro de 1959, o Dalai Lama estava na sala favorita no Potala. Tinha esta cêrca de 50 metros quadrados e as paredes eram cobertas de quadros históricos tão minuciosos que nenhum retrato individual tinha mais de três centímetros de altura. Voltada para o sul (como tôdas as salas importantes do Tibete), a sala dominava o vale, com a capital de Lassa parecendo uma coleção de casas de bonecas um quilômetro e meio a leste.

Alto e magro, com os cabelos prêtos cortados rente, o Dalai Lama tinha 23 anos. Usava óculos em consequência de anos de estudo nas salas mal-iluminadas do Potala. Era um homem não só de grande piedade, mas também de notável erudição.

Preparava-se na ocasião para a prova mais difícil de sua vida, o exame final de seu doutorado em Metafísica. Seria uma prova oral diante dos mais ilustrados intelectuais do Tibete e com uma assistência de milhares de pessoas, que duraria todo o dia e entraria pela noite, abrangendo assuntos como "A Perfeição da Sabedoria" e "Disciplina Monástica".

Em preparação para o exame os seus professôres crivavam-no de perguntas. Quando lhe perguntavam: "Que é mais importante, o espírito, o corpo ou a fala?"—êle tinha de responder instantâneamente: "O espírito. O corpo e a fala são servos do espírito."

Um professor desfechava logo a pergunta:

—Mas seu espírito existe ou não existe?

—Não se pode dizer—devia ser a resposta do Dalai Lama—porque não tem forma nem côr.

Em geral o simulacro do exame estendia-se por várias horas, mas naquele dia a sessão da manhã foi abruptamente encerrada quando uma delegação de três generais chineses chegou para falar com o Dalai Lama. Graças a uma longa experiência, o jovem governante sabia que o encontro seria desagradável.

O grupo chinês era chefiado pelo General Tan Kuan-san, um doutrinário comunista de 51 anos, que tinha sido soldado raso na Longa Marcha de Mao Tsé-tung em 1935. Suas características mais marcantes eram os ombros curvados, os dentes amarelos e o hábito de ensopar-se de perfume. Era um soldado profissional inflexível e um beberrão.

Depois de dar entrada na longa e estreita sala de conferências do Potala, o General Tân começou apresentando várias pequenas queixas. Mas não tardou a chegar ao ponto principal da sua visita. Tinha estado em contato com Pequim e advertiu



# Para saber se o seu carro tem futuro, verifique o passado do motor dêle.



O motor da Variant é Volkswagen. Nenhum outro possui uma folha corrida tão elogiável.

Nem tão corrida.

Durante anos e anos ele foi testado e aprovado no Brasil inteiro.

Por isso, na Variant ele se dá ao luxo de ficar deitado

e escondido, porque raramente v. vai precisar mexer nele.

São os 65 HP (SAE) mais saudáveis que existem no País.

Garantem torque para qualquer rampa na cidade; para qualquer subida lamacenta do interior.

Garantem o seu direito de ir e vir - e chegar (o que nem todos podem garantir).

Garantem que v. pode ultrapassar outros carros com rapidez e segurança.

Sua manutenção, perto da dos outros, nem existe. E se v. precisar de assistência técnica, ele responde com a maior rede do País.

Esse é o motor Volkswagen da Variant.

Se v. resolver comprar um carro para viagens com sua família, sua bagagem, os brinquedos das crianças, que motor v. gostaria que ele tivesse?





que os líderes chineses estavam cada vez mais alarmados com a contínua hostilidade dos khambas, aguerridos bandos de salteadores do Tibete Oriental. Na verdade, Pequim afirmava agora que o governo do Dalai Lama estava ligado a êles.

Os khambas, soberbos cavaleiros e excelentes combatentes, nunca tinham aceitado os chineses. Desde o princípio tinham desfechado selvagens ataques de guerrilha contra os invasores e se mostravam totalmente livres de medo quando atacavam com as suas grandes espadas lisas ou com os fuzis Mannlicher contrabandeados da Índia. Os chineses reagiram com violentas represálias, que por sua vez levaram os khambas à franca revolta. Estradas e comboios eram perturbados e os postos chineses isolados sofriam ataques em que todos os homens eram mortos.

Nesse momento o governo de Pequim, segundo o General Tan, estava tão profundamente alarmado que julgava necessária uma conferência de alto nível. Diante disso, em nome do Camarada Mao, o general fazia um convite formal ao Dalai Lama para visitar a capital chinesa.

O Dalai Lama respondeu, com muito tato, que seria uma honra para êle ir a Pequim. Pedia, entretanto, para adiar a viagem até ser discutido o assunto com seus ministros. Com mais polidez do que de costume, Tan disse

que compreendia, e a reunião foi encerrada.

Embora aparentemente imperturbável, o Dalai Lama confessou mais tarde: "Eu estava à beira do desespero." Em face das tensões existentes entre o Tibete e a China, havia toda a probabilidade de que, se êle fôsse a Pequim, não lhe permitissem voltar. Ainda mais alarmante era a possibilidade de que seu povo, que detestava os chineses, fôsse contrário à visita e impedisse materialmente a sua partida. Se isso acontecesse, todo o país poderia ser lançado numa revolta sem esperança contra as forças chinesas em muito superiores.

Essa perspectiva era desoladora para o jovem líder tibetano. Tão profundamente entranhadas eram as suas crenças religiosas opostas à violência—o sacrifício de uma vida que fôsse—que tinha continuamente

procurado chegar a um entendimento pacífico com os chineses, mesmo com risco de desagradar ao seu povo.

“Por maior que seja a violência contra nós”, tinha êle dito, “nunca seria justo usar de violência em resposta.” Entretanto, confessava: “Uma parte de mim mesmo admirava muito os guerrilheiros.” Como todos os invasores, os chineses “tinham deixado de ver a causa única da revolta contra êles: que nosso povo não os queria em nosso país e estava pronto a dar a vida para livrar-se dêles”.

Todo o Tibete parecia um estopim e a inquietação dos khambas podia ser a fagulha que atearia o fogo. Êsse receio se confirmou logo depois da partida dos generais chineses, quando a mãe do Dalai Lama chegou para o seu almôço semanal com o filho. Vivendo numa grande casa ao pé do Potala, ela podia, ao contrário do filho, andar por onde quisesse sem os entraves do protocolo. Informou ela ao filho que Lassa se tornava de dia para dia “mais semelhante a um acampamento armado”. Os guerreiros khambas, fugindo da opressão chinesa no Tibete Oriental, tinham começado a afluir à cidade em tal quantidade que a população crescia a olhos vistos. E todos êles estavam ansiosos para lutar.

Ouvindo o que a mãe lhe dizia, o Dalai Lama teve uma terrível premonição.

—Não sei quando isto vai acontecer—disse êle tristemente.—Mas

um dia os chineses tomarão tudo o que temos e matarão todos os tibetanos que puderem.

### Terror no Tibete

A NATUREZA e a ideologia dos dois líderes no choque iminente não poderiam ser mais diferentes. De um lado estava o General Tan, uma grosseira personificação do credo materialista do comunismo. Do outro lado estava o Dalai Lama, uma figura que se acreditava ser um Buda encarnado, a personificação viva de Chenrezi, deus padroeiro do Tibete.

Sempre que um Dalai Lama morre—ou, como dizem os tibetanos, parte para o Campo Honroso—acredita-se que seu espírito entra no corpo de um menino que passa a ser o próximo Dalai Lama. Essa criança deve ser encontrada por meio de augúrios, prodígios e certos exames. O 14.º Dalai Lama foi descoberto por um grupo de monges na aldeia de Taktser, perto da fronteira sino-tibetana, em 1937. Era então um menino de dois anos e passou rapidamente por uma série de exames preliminares. Quando os monges lhe apresentaram uma porção de objetos, êle escolheu um rosário, um tambor e uma bengala que tinham pertencido ao 13.º Dalai Lama, falecido em 1933. Além disso, o menino tinha certas marcas que os monges estavam procurando—grandes orelhas proeminentes e sinais de nascença no tronco.

Levado para Lassa, o menino foi solenemente instalado como o Dalai Lama no trono de ouro do Potala

em fevereiro de 1940. Começaram então anos de estudo intensivo e educação religiosa. Logo se tornou evidente que o nôvo governante possuía interêsses de âmbito muito mais amplo do que qualquer dos seus predecessores. Aprendeu por si mesmo rudimentos de inglês; dominou astronomia e um pouco da arte da medicina. Desvendou os segredos da eletricidade e mostrou apaixonado interêsse pelas coisas mecânicas, embora, como êle mais tarde declarou, "não houvesse ninguém que me pudesse dizer nada a êsse respeito".

Essa plácida vida de estudo, meditação e prece continuou até janeiro de 1950, quando o nôvo govêrno comunista em Pequim anunciou a sua intenção de "libertar" o Tibete.

O Dalai Lama não tinha ainda 15 anos. O Regente, que governaria normalmente até que o Dalai Lama tivesse 18 anos, e o Kashag (o ministério tibetano) eram, portanto, responsáveis ainda pelo govêrno. Depois dos primeiros graves incidentes de fronteira no leste, as autoridades do govêrno mandaram imediatamente telegramas para a Inglaterra, os Estados Unidos, a Índia e o Nepal, pedindo auxílio armado para repelir os comunistas. Os diplomatas partiram a cavalo de Lassa para a Índia e foram dali de avião para Washington e Londres.

Mas a Inglaterra e os Estados Unidos declararam categòricamente que nada podiam fazer. Ambos os países se negaram polidamente a receber as delegações. A Índia se negou tam-

bém a dar auxílio militar e chegou a aconselhar Lassa a não oferecer qualquer resistênciã. Quando, em 7 de outubro de 1950, as tropas comunistas chinesas se derramaram através de suas fronteiras, o Tibete estava absolutamente sòzinho.

O Dalai Lama não tinha nessa época poder temporal, mas quando o pequenino Exército tibetano foi rechaçado a leste, o ministério pediu solenemente ao menino que assumisse a responsabilidade do govêrno. O Dalai Lama protestou dizendo que era muito jovem e nada sabia do mundo ou da política. Apesar disso, atendeu ao pedido. Numa idade em que a maior parte dos meninos ainda está na escola, o rei-deus de 15 anos deixou a infância para trás e se preparou para ficar à frente de seu povo contra o vasto poder da China Comunista.

O seu primeiro ato foi um apêlo às Nações Unidas para que a questão tibetana fôsse debatida na Assembléia-Geral. A ONU levou um mês para responder. Enquanto isso, os exércitos chineses chegaram tão perto de Lassa que o Kashag pediu ao Dalai Lama que deixasse a cidade e instalasse um govêrno provisório perto da fronteira indiana. Com todo o ardor da juventude, o Dalai Lama recusou a princípio. No fim, entretanto, sabendo que para os tibetanos a sua pessoa era preciosíssima, teve de concordar.

Os choques então se sucederam. A ONU decidiu "adiar" indefinidamente qualquer discussã do apêlo



tibetano. Não respondeu sequer ao pedido do Dalai Lama para que enviasse uma Comissão de Inquérito. Só restava uma esperança—ou assim julgava o Dalai Lama. Mandou a Pequim uma delegação de negociadores “com a firme condição de que os exércitos chineses não avançariam mais um passo no Tibete”. O resultado foi desastroso, porque a missão era chefiada por um monge de alta categoria chamado Ngabo, que se revelou um traidor. Sem informar o Dalai Lama, assinou o infame Acôrdo de 17 Pontos de 1951.

O Dalai Lama soube da notícia pela Rádio de Pequim. Em estado de choque, percebeu, como escreveu depois, que “as condições eram muito piores e mais opressivas do que qualquer coisa que tínhamos imaginado”. Os chineses afirmavam principalmente que o povo tibetano devia “voltar à grande família da Pátria—a República Popular da China”. Desde que um acôrdo assim não seria válido sem a aposição do grande Sêlo do Tibete, uma cópia do sêlo foi forjada na capital chinesa.

O jovem governante insistiu então em voltar para Lassa. Um “representante chinês” já se havia instalado na capital, sendo logo seguido de cêrca de 15.000 soldados, que requisitaram propriedades, construíram acampamentos e assaltaram os celeiros tibetanos até que o Dalai Lama julgou que “pela primeira vez na memória dos homens o povo de Lassa foi levado à beira da fome”.

Mas os comunistas reservaram pa-

ra os mosteiros o auge da sua rispidez. Milhares de monges e lamas—sacerdotes—foram mandados para campos de trabalho forçado. Alguns foram degradados públicamente; muitos foram executados. As invasões dos mosteiros tornaram-se comuns.

Receando uma guerra total, o Dalai Lama sentia que nada podia fazer. Em fins de 1956, os chineses chegaram a esterilizar os homens em algumas zonas e a forçar as mulheres tibetanas a casar com civis chineses. Qualquer oposição às ordens comunistas era punida com a maior brutalidade, quase sempre em público. Os habitantes de uma aldeia remota, Ba-Jeuba, foram reunidos e forçados a assistir à crucificação de 25 pessoas ricas. Na mesma aldeia, homens e mulheres tiveram de ver 24 pais serem mortos com pregos cravados nos olhos—porque se negaram a mandar os filhos para escolas chinesas.

Inevitavelmente, os tibetanos mais belicosos procuravam vingar essas atrocidades. E assim tudo estava preparado para um ajuste de contas que o crucial afluxo, cada vez mais numeroso, dos khambas a Lassa tornava ainda mais provável.

### Um Grande Êxodo

O PONTO de convergência dos milhares de khambas que enchiam a capital era um jovem alto e magro que chegara pouco antes a Lassa após uma jornada cheia de peripécias. Chamava-se Chime Youngdong e, como o Dalai Lama, fôra reconhe-



cido desde tenra idade como uma pessoa santa. Recebendo o título de Rimpoche (Precioso), tinha vivido no mosteiro de Benchen, na região de Jyekundo, perto da fronteira chinesa a leste.

O pai de Chime era o rei de Jyekundo, e nessa região é que os chineses haviam cometido algumas das suas piores atrocidades. Muitos mosteiros tinham sido profanados, sendo centenas de monges obrigados a trabalho forçado ou executados. Finalmente, dois meses antes, o rei tinha sido seqüestrado após um convite para visitar a guarnição chinesa local.

Depois do seqüestro, Chime decidiu que devia visitar o Dalai Lama a fim de pedir ajuda para o seu povo. Embora tivesse apenas 18 anos e nunca tivesse saído de Jyekundo, Chime partiu na longa e penosa jornada para Lassa. Vestido como um servo, saiu furtivamente do mosteiro à noite. Quase mil pessoas o seguiam, inclusive 800 guerrilheiros khambas. No dia seguinte, do alto de uma montanha, Chime dirigiu o binóculo para o mosteiro e viu que tinha fugido bem na hora. A bandeira chinesa estava hasteada sôbre Benchen.

A notícia da fuga de Chime espalhou-se rapidamente através de Jyekundo e foi o sinal para um grande êxodo de khambas do leste. O nôvo rei e chefe religioso dêles estava a caminho de Lassa. Em vista disso, com uma espécie de instinto coletivo, cêrca de 20.000 tibetanos orientais resolveram marchar para oeste atrás dêle em centenas de caravanas.

Tudo correu bem a princípio com Chime e seu grupo. Durante mais de um mês avançaram sem incidentes através do platô central. Começaram então a escalar a última barreira montanhosa que os separava de Lassa. Dos picos que se alteavam, Chime vislumbrava trechos do caminho à frente, com sucessivas curvas desenhadas contra um céu vazio, cada qual mais alta do que a anterior, até que a trilha se perdia na neve.

Foi no terceiro dia da subida, quando escalavam uma íngreme e sinuosa ravina, que as dificuldades se manifestaram. A plataforma de rocha em que estavam era tão estreita que até os mais rijos montanhistas se abraçavam ao penhasco, subindo lentamente palmo a palmo. Vários iaques se despencaram e caíram no fundo do abismo lá embaixo. Do outro lado da ravina, montanhas igualmente altas escondiam o céu a não ser por uma nesga cinzenta acima das cabeças dos viajantes.

Foi então que, sem aviso, dois aviões chineses passaram roncando ao longo da ravina, quase tocando as paredes com as asas. O fogo das metralhadoras ecoou através da garganta e dezenas de homens, mulheres e crianças despenharam-se da borda do caminho.

Os guerrilheiros não tiveram tempo de atirar durante o primeiro ataque. Mas quando os chineses voltaram, todos os khambas empunhavam o seu fuzil ou a sua metralhadora portátil. Abriram fogo e atin-

giram um dos aviões. “Eu nada sabia de motores”, diz Chime, “mas o som se transformou numa espécie de tosse e, diante dos nossos olhos, o avião começou a descer em círculo, como um pássaro ferido.”

A vitória, entretanto, ia ter uma terrível conseqüência, porque o outro avião se afastou e, quando o grupo de Chime chegou a um desfiladeiro dois dias depois, havia várias centenas de chineses ali à sua espera. Os tibetanos estavam exaustos e com a sua mal-arrumada coleção de armas não podiam enfrentar o inimigo. Fôsse como fôsse, conseguiram resistir durante um dia, mas perto de 500 guerrilheiros foram mortos e o resto teve de dividir-se em pequenos grupos e esconder-se. Só dias depois os remanescentes do grande grupo foram dar num passo desconhecido e encontraram afinal o caminho aberto para Lassa.

Os tibetanos são um dos povos mais generosos da terra, e em breve multidões que levavam cestos de comida e frutas cercavam o vagaroso desfile—os cavalos que mal se podiam mover, os guerrilheiros em farrapos e os feridos e os velhos carregados em padiolas. Caminharam lentamente pelas pitorescas ruas de Lassa, que pululavam de monges e peregrinos, até que chegaram à catedral no centro da cidade, onde Chime parou para orar. Em seguida, o grupo transpôs um portão de pedra nos muros da cidade—e passou a outro mundo de tamanha beleza natural que nunca deixou de encher

de pasmo aquêles que, como Chime, o viram pela primeira vez.

O caminho levava ao Vale de Lassa—o coração da grande planície de 25 quilômetros de comprimento—que se abria como um jardim, tendo como cêrca as remotas montanhas cinzentas. Para Chime era como um sonho. Pássaros esvoaçavam por entre álamos e salgueiros em botão. Nos *lingkas* (parques públicos), as crianças brincavam em jardins já coloridos com as primeiras flôres. Era a temporada dos papagaios e, enquanto Chime procurava um lugar para acampar, todos os meninos se dedicavam ao esporte, tentando cortar os outros papagaios com as suas linhas preparadas com cola e vidro moído. O Vale estava atapetado em grande parte de tendas de tôdas as espécies levantadas para o Nôvo Ano Tibetano.

“A princípio não pude acreditar no que via”, confessou Chime. “Era tudo tão belo.” E havia alguma coisa mais. Elevando-se muito acima da sua tenda, dominando o Vale, estava o magnífico Potala. Os olhos de Chime, estendendo-se para o alto, cheios de admiração, procuraram um conjunto de janelas no último andar—os quatro aposentos simples que constituíam o apartamento privado do Dalai Lama. Quase em transe, recorda: “Fiquei olhando para aquelas janelas até que elas começaram a mover-se diante dos meus olhos.”

Os chineses não perderam tempo. Descobrendo que Chime tinha chegado a Lassa, puseram-lhe imediata-

mente a cabeça a prêmio, morto ou vivo. Vestido com um velho e manchado *chuba*—a blusa e saiote com cinto que são o vestuário universal dos homens do Tibete—Chime teve de sair de seus alojamentos e esconder-se até que foi conseguida uma audiência secreta com o Dalai Lama.

A reunião se realizou numa pequena sala do Potala. A mobília era simples e não havia lâmpadas de manteiga, nem sequer uma imagem de Buda. O Dalai Lama estava sentado num divã entre duas almofadas vermelhas, Chime de pernas cruzadas sôbre um coxim no chão.

Começou com uma narrativa de sua jornada, falando dos ataques dos chineses e do número de seus acompanhantes que tinham sido mortos. Em seguida, tão desapaixadamente quanto lhe foi possível, falou dos desastres que se haviam abatido sôbre Jyekundo. “Disse-lhe”, recorda Chime, “que eu não achava que o ministério dêle soubesse bem o que os chineses estavam fazendo conosco e que êle devia ficar a par do que o homem comum dizia e sentia.”

O Dalai Lama ficou surpreso. Pediu mais detalhes e concordou em que as atrocidades chinesas eram intoleráveis.

Entretanto, quando Chime acabou de falar, o Dalai Lama disse que era terminantemente contrário a qualquer apêlo às armas.

—Sei o que o seu povo está sofrendo—disse êle.—Mas jamais nos poderemos livrar dos chineses pela

fôrça, de modo que, quanto menos os provocarmos, mais cordatos êles poderão ser.

Chime ficou atônito. Quase sem pensar, exclamou:

—Talvez não saiba de tôda a verdade, Santidade! Talvez esteja apenas sabendo o que os seus ministros querem que saiba!

O Dalai Lama “não se ofendeu com a minha presunção”, disse depois Chime. Em vez disso, olhou Chime com um sorriso grave e triste e disse:

—Eu posso admirar a bravura dos khambas, mas os atos dêles acarretam muitas vêzes grande prejuízo para nós que estamos tentando encontrar uma maneira de conviver com os chineses.

Chime replicou que não acreditava que ninguém no Tibete pudesse conter os guerrilheiros khambas por muito mais tempo. Bastaria um pequeno incidente para dar início a uma revolução que poderia varrer o país inteiro.

—Que fará então?—perguntou o Dalai Lama quando Chime se levantou do coxim para partir.

—Se não conseguir ajuda—disse Chime—terei de voltar para o leste e ajudar o meu povo a lutar.

O Dalai Lama pareceu “muito preocupado”, mas com todo o senso de sua divina encarnação a pesar sôbre êle voltou-se para Chime e disse calmamente:

—Não faça isso. Fique em Lassa e ore. Ore para que isso que receia não venha a acontecer.

## Um Rude Convite

O ENSAIO geral para os exames finais do Dalai Lama realizou-se em 1.º de março no pátio interno da Catedral de Lassa. A área estava repleta com quase 5.000 monges. Vestidos com os seus melhores hábitos amarelos e marrons, enchiam todos os cantos do vasto espaço cercado de arcarias. Os parapeitos e balcões em cima das arcarias estavam também cheios e havia até alguns monges encarapitados no alto telhado da catedral.

O Dalai Lama, sentado numa pequena plataforma central, respondia às perguntas rápidas formuladas por um grupo de professôres. Durante algum tempo, o exercício correu bem. Houve então uma súbita e inesperada interrupção. Dois oficiais chineses de baixa patente chegaram à catedral e exigiram falar imediatamente com o Dalai Lama. Isso era tão inusitado—comentaria o Dalai Lama mais tarde—“que imediatamente despertou suspeita no meu povo”. O governante tibetano não era, afinal de contas, o tipo de pessoa para ser chamada de maneira tão peremptória.

Não obstante, acedeu em ver os chineses e deixou a plataforma. Num antecâmara, os dois oficiais informaram-no de que o General Tan estava organizando um espetáculo teatral no principal acampamento do Exército chinês e queria que o Dalai Lama designasse a data em que poderia comparecer. Tomado de sur-

prêsa, o Dalai Lama esclareceu que era o camarista de sua côrte quem tratava de tais assuntos. De qualquer maneira, disse êle, não poderia tomar uma decisão enquanto se preparava para o mais difícil exame de sua vida.

Com espanto para o Dalai Lama, os oficiais não quiseram a princípio conformar-se com essa recusa. “Continuaram a insistir para que eu marcasse imediatamente uma data.” O Dalai Lama se negou.

Êsse procedimento era tão insolente aos olhos dos tibetanos governados pela tradição que se pensou desde logo que os chineses estavam fazendo uma provocação deliberada. De fato, outro detalhe tende a indicar que os chineses estavam preparando alguma espécie de golpe. Algumas horas depois dêsse encontro, a Rádio de Pequim anunciava que o Dalai Lama tinha concordado em visitar a capital chinesa. A notícia não era verdadeira. O Dalai Lama tinha cuidadosamente evitado a aceitação do convite de Tan.

Um dia depois do exame final (em que passou com facilidade), o Dalai Lama dirigiu-se num desfile de gala da catedral para o seu Palácio de Verão, a sudoeste do Potala. Era êsse o maior espetáculo anual da capital, uma fabulosa parada de esplendor oriental, a que assistia quase tôda a população de Lassa acampada em tendas de côres alegres ao longo da estrada de cinco quilômetros. O cortejo era puxado por 200 cavalarianos em cavalos ricamente ajaezados e tinha duas bandas de música. Uma

delas tocava o hino inglês, que um maestro tibetano havia incorporado ao repertório porque gostara da melodia.

O Palácio de Verão era como uma pequena aldeia engastada num magnífico parque, de forma quadrada, cercado de muros de três metros de altura, cada qual com 800 metros de comprimento. Havia pomares de pessegueiros e pereiras em flor, uma alamêda de choupos-brancos retos, estrebarias para 500 cavalos, alojamentos para a guarda pessoal do Dalai Lama, vilas para os seus ministros e altos funcionários. Leve e arejado em comparação com os corredores de masmorra do Potala, o palácio era também mais prático. Ali o Dalai Lama tinha até um banheiro e um vaso sanitário com descarga—em marcado contraste com as instalações no Potala, que constavam de um quarto abafado com um buraco no chão, aberto para uma fossa a mais de cem metros embaixo.

O caso do espetáculo teatral do General Tan passou a ser então uma importante questão. Instado para marcar uma data, o Dalai Lama resolveu afinal ir ao acampamento chinês no dia 10 de março. Como o segredo era impossível, procurou reduzir o ajuntamento e atenuar a tensão na capital decretando que naquele dia ninguém teria permissão para ir além da Ponte de Pedra, que marcava os limites do acampamento chinês.

O resultado foi exatamente o con-

trário do que o Dalai Lama havia esperado. Dentro de poucas horas corria por tôda Lassa o boato de que os chineses pretendiam raptá-lo, e ao anoitecer do dia 9 de março milhares de tibetanos leais começaram a reunir-se diante dos muros do Palácio de Verão, com o intuito único de impedir a saída do Dalai Lama.

A atitude da multidão era de tensão e determinação. Quando dois oficiais chineses, que levavam os convites formais para o espetáculo, se aproximaram do palácio, foram quase arrancados pela multidão do jipe em que estavam. Mandaram-se às pressas tropas do palácio para socorrê-los, mas vários civis tibetanos foram feridos antes de se conseguir levar os abalados chineses em segurança para dentro dos portões.

Os conselheiros do Dalai Lama recomendaram-lhe que cancelasse a visita. Mas o jovem governante ainda julgava que a única esperança de acalmar os chineses estava em atender aos seus desejos. Declarou que iria e foi deitar-se. Mas os seus ministros ficaram em conferência até tarde da noite. Havia um problema que êles preferiam discutir na ausência do Dalai Lama—a possibilidade de fuga.

### Entre Dois Vulcões

O DALAI Lama tinha acabado de dar o seu passeio na manhã seguinte quando o silêncio dos jardins foi abalado por gritos do outro lado dos muros do palácio. Era 10 de março, um dia que êle depois caracterizou

como “o mais importante que Lassa já viu”.

Phala, o seu velho camarista, foi imediatamente ao portão principal para saber o que estava acontecendo. Olhando uma plataforma por cima do muro, ficou boquiaberto de espanto. A multidão da noite anterior havia aumentado para mais de 20.000 pessoas—quase a metade da população de Lassa—e parecia estender-se “dali até à cidade”. As frases que entoavam mostravam que estavam decididos a impedir a visita do Dalai Lama.

Embora ainda faltassem algumas horas para se apresentar no acampamento chinês, o Dalai Lama concluiu desde logo que lhe seria impossível ir. Mas logo que essa notícia foi transmitida aos chineses, produziu um alarmante incidente. Phakpala, um monge cujos sentimentos favoráveis aos chineses eram conhecidos, aparentemente resolveu assassinar o Dalai Lama. Vestido com um casaco acolchoado chinês, óculos escuros e uma “máscara de pó” de estilo chinês para motociclistas, partiu numa bicicleta para o Palácio de Verão, com uma pistola no cinto. Não podendo ser identificado por trás da máscara, conseguiu chegar aos portões principais, mas ali foi detido por um guarda. De repente, a máscara lhe foi arrancada e alguém gritou:

—É Phakpala, o traidor!

A multidão avançou. O monge ficou apavorado e puxou da pistola. A espada de um khamba cintilou e,

quando Phakpala caiu, a multidão começou a apedrejá-lo. Continuaram assim até que êle morreu. Então, os *ragyapas*, os párias que removem os cadáveres no Tibete, amarraram-lhe os pés e arrastaram o corpo de cabeça para baixo, enquanto o povo corria ao lado aplaudindo.

A notícia dêsse episódio perturbou profundamente o Dalai Lama. “Senti-me entre dois vulcões”, diz êle, “prestes a entrar em erupção a qualquer momento.”

Para arrefecer a cólera do povo, pediu a Surkhang, seu Primeiro-Ministro, que lhe falasse da plataforma sôbre o portão principal. Surkhang era um orador hábil e inspirava respeito. Mas quando pediu à multidão que voltasse para casa, ninguém se mexeu. Prometeu que o Dalai Lama não visitaria o acampamento chinês. Ninguém se mexeu.

Finalmente exclamou: “Se têm algum motivo de queixa, escolham alguns homens seus representantes e eu os deixarei entrar no palácio para que falem e trabalhem conosco.” Foi assim que nasceu—do desespero—o Comitê da Liberdade, composto de cêrca de 60 operários, camponeses, comerciantes e homens de negócio. Iria colaborar com o ministério durante tôda a crise.

Em seguida, Surkhang e Luishar, o Ministro do Exterior, pediram ao Dalai Lama permissão para ir falar com o General Tan. Queriam explicar por que fôra impossível ao Dalai Lama visitar o acampamento chinês. O Dalai Lama concordou, mas tôdas



as esperanças de melhoria da situação se dissiparam rapidamente no encontro que se seguiu.

O General Tan estava irritadíssimo e parecia ter bebido excessivamente. Dando murros na mesa e gritando de maneira quase incoerente, disse aos ministros: "Vocês mataram vários dos nossos homens. Derramaremos sangue tibetano por isso... e vocês dois pagarão!" Mais tarde, batendo com os pés (sinal de grande raiva na China), Tan rugiu para Luishar: "Ordene-lhe que apresente dentro de três dias as pessoas que mataram Phakpala. Se não o fizer, será enforcado publicamente."

Convencidos de que em breve haveria derramamento de sangue, os mi-

nistros convocaram então uma conferência apressada no Palácio de Verão a fim de discutir planos para a fuga do Dalai Lama. "Sabíamos", recorda Surkhang, "que eles queriam utilizar o Dalai Lama como um títere." O próprio Surkhang estava certo de que, se o Dalai Lama fosse ao acampamento chinês, seria levado secretamente para Pequim, onde adoeceria e seria forçado a tratamento especial. "E nós sabíamos que tratamento seria esse", disse êle.

Bem tarde naquela noite o ministério chegou a uma decisão e deu a Phala, o camarista, plenos poderes para fazer os planos que julgasse indicados. Quase imediatamente, Phala deu instruções a um alfaiate para fazer um jôgo de roupas comuns de

# BAND-AID\* protege e ajuda a curar.

A criança pode brincar, rolar pelo chão, ficar tôda suja. Band-Aid\* está ali, firme, protegendo o ferimento contra sujeira, evitando que êle infeccione.

Compre a embalagem de 30: é mais econômica e você tem Band-Aid\* sempre que precisar.



soldado. Teria êsse disfarce à mão para o Dalai Lama.\*

Nos dias subseqüentes a tensão se agravou, enquanto a multidão permanecia às portas do Palácio de Verão. Ambos os lados começaram a tomar posição com as suas tropas e a munir-se de armas. Um repórter chinês anotou: "Pude ver claramente o Potala com um binóculo. Nos peitoris de suas inúmeras janelas costumavam andar pombos. Agora brilham nêles canos de fuzil."

As últimas esperanças de paz que restavam foram finalmente liquidadas no dia 16 de março, quando o Dalai Lama recebeu uma carta de Ngabo, o traidor que havia negociado oito anos antes o odiado Acôrdo de 17 Pontos. "Se Sua Santidade, com alguns oficiais de confiança", escreveu Ngabo, "puder informar exatamente ao General Tan o edifício que ocupará, êle tomará medidas para que êsse edifício não seja danificado."

### Em Plena Tempestade

O GOLPE havia tanto esperado verificou-se pouco depois do meio-dia do dia seguinte. O Dalai Lama estava falando com Phala e vários funcionários da côrte num dos salões de recepção, quando o troar de canhões fêz os homens sobressaltados levantarem-se. Os canhões estavam

perto e as pessoas que se achavam no salão ouviram claramente o baque de uma bala no lago ornamental dentro dos terrenos do palácio. Houve dois tiros. Os homens esperaram apreensivamente, mas nada mais aconteceu.

Phala foi o primeiro a compreender que deviam ter sido tiros de advertência. Agora só uma coisa importava: levar dali o Dalai Lama.

Era o momento que o Dalai Lama temia. Havia dias que instavam com êle para fugir, mas êle havia recusado. Naquele momento, em que se via forçado a essa decisão, sentia-se tão aflito que mal ouvia os ministros pedindo-lhe que fugisse. Atormentava-o saber que sua fuga não traria a paz, mas tinha de sair se era isso o que o povo exigia. Os ministros, os monges e a multidão lá fora estavam convencidos, o Dalai Lama o sabia, de que "se seu corpo percesse nas mãos dos chineses, a vida do Tibete chegaria também ao fim". Entretanto, todos os seus anos de preparo e aprendizagem o tinham feito compreender que essa premissa era falsa, uma vez que êle era o espírito reencarnado de um mestre que nunca morreria. Aceitando o fato de que os dois pontos de vista eram inconciliáveis, curvou-se finalmente aos desejos do ministério.

Naturalmente, não era apenas o Dalai Lama que teria de partir. Às oito e meia da noite, sob a proteção da escuridão, conseguiu sair a família imediata do governante—mãe, irmã e um irmão mais môço. Phala tomou

\* Por coincidência, nessa mesma noite, Chime Youngdong, que não tivera êxito em suas solicitações ao Dalai Lama, fugiu da capital e se dirigiu para uma grande concentração khamba no sul. Posteriormente fugiu para a Índia.

em seguida providências para a fuga dos ministros e dos professôres cujos rostos eram bem conhecidos—homens como Surkhang e Luishar. Foram levados furtivamente, ocultos sob lonas, num caminhão que chegava diàriamente com armas do Potala, voltando vazio para ser carregado de nôvo.

Afinal, tudo ficou pronto para a fuga principal. O Dalai Lama passou os últimos momentos orando. O uniforme de soldado estava no quarto dêle, pronto para ser vestido no último instante.

Só três homens, além de dois guardas, esperavam para partir com o Dalai Lama—o General Kusung, comandante de sua guarda pessoal, o Abade-Chefe e Phala. “Foi a espera que mais nos enervou”, recorda Phala. “Olhávamos constantemente os relógios, mas parecia que os ponteiros não andavam.” O que estava à frente daqueles homens não era uma simples travessia de fronteira— iam entrar em outro mundo completamente diferente, deixando o seu reino nas montanhas que tinha de certo modo resumido para êles a paz e a boa vontade e ao qual provavelmente nunca voltariam.

O menor descuido poderia desbaratar-lhes os planos, especialmente o óbvio perigo de que o Dalai Lama fôsse reconhecido. Êle tinha de evitar não só os chineses, mas também seu povo, com receio de que espões em seu meio pudessem informar o inimigo. Para complicar tudo, os holofotes chineses riscaram súbitamen-

te o céu, partindo de uma dezena de pontos.

Pouco antes da hora marcada para a partida, verificou-se um fato que andou perto do milagre. Como se fôsse ordenada pela divina providência, uma das piores tempestades de areia que Lassa já conhecera envolveu a cidade, o Vale e o Palácio de Verão num torvelinho pardacento. O pó e os grãos de areia fustigavam as multidões que esperavam. Os homens cerravam os olhos e fechavam a bôca com fôrça, mas ainda assim a areia os cegava e sufocava. A multidão de tibetanos leais diante dos muros do palácio só podia fazer uma coisa—enrolar o rosto com os *chubas* e esperar que a tempestade passasse.

Ao fim de meia hora, a primeira fúria da tempestade amainou, mas ainda o barulho da areia em remoinho abafava todos os outros sons e até os holofotes dos chineses eram obliterados pela cortina parda.

Às 9h 30min o Dalai Lama tirou o seu hábito de monge e vestiu o uniforme estranho. Foi à sua sala de orações pela última vez, sentou-se no trono e leu as escrituras até chegar a um trecho em que Buda diz a um discípulo que tenha coragem. Fechou então o livro em silêncio, abençoou a sala e apagou as luzes.

Phala estava à sua espera na escada e ficou observando o Dalai Lama em silêncio durante alguns segundos. “Foi o espetáculo mais triste, o momento mais horrível que eu já passei na vida”, recorda Phala. O Dalai Lama tinha tirado os óculos

e, por isso, não era facilmente reconhecido com seu simples *chuba* marrom, um gorro puxado por sobre os olhos e a parte inferior do rosto protegida por uma manta. Quando êle chegou a um portão interno, o soldado de guarda, que tinha sido alertado, entregou-lhe um fuzil.

O Dalai Lama pendurou o fuzil no ombro para completar o disfarce, e o grupo se encaminhou através do parque até ao portão principal, todos com a cabeça curvada contra a areia sibilante. Phala, Kusung e o Abade-Chefe iam à frente e o Dalai Lama seguia-os de perto entre dois soldados. O portão principal estava trancado. Phala seguiu adiante dos outros e disse aos guardas que estava fazendo uma ronda de inspeção—para o que seria normal uma escolta de soldados. Os guardas fizeram-lhe continência e abriram a grande e antiquada fechadura.

Quando Phala passou, alguém na multidão gritou:

—Quem é essa gente?

Fazendo-se ouvir acima do vento, um homem respondeu:

—É Phala.

Ninguém deu qualquer atenção aos três humildes soldados que caminhavam lado a lado e passaram sem qualquer obstáculo para a escuridão, os passos amortecidos pelo barulho da areia.

### Além da Tolerância

DURANTE dois dias os chineses não tiveram conhecimento da fuga do Dalai Lama, iludidos por um corpo

de servidores que havia ficado no Palácio de Verão e exercia as suas funções normais como se nada tivesse acontecido. Mas por fim, tendo pedido que o Dalai Lama fizesse uma “apresentação pessoal”, o General Tan chegou à conclusão de que o governante tibetano lhe havia escapado por entre os dedos. Às duas horas da madrugada do dia 20 de março ordenou bombardeio do palácio. O bombardeio durou cinco horas.

Foi o sinal para o início da resistência. Quando Lassa despertou ao som do canhoneio, a cidade tornou-se teatro de febril atividade. Durante a noite caminhões cheios de soldados chineses roncaram pelas ruas, e antes de amanhecer a cidade estava cercada por um anel de tanques. Tôdas as saídas principais estavam bloqueadas e foram colocadas metralhadoras nos pontos estratégicos, tanto para dominar qualquer reação violenta ao bombardeio como para impedir que as multidões que estavam no palácio voltassem para Lassa pelo Vale.

Na cidade, a catedral tinha-se tornado um dos principais baluartes de resistência. Ali, cêrca de 200 soldados tibetanos, 100 policiais, 300 khambas e dezenas de homens e mulheres trabalharam a noite inteira preparando-se para um cêrco. As mulheres fecharam tôdas as aberturas da igreja com fardos de lã ensopados de água para torná-los à prova de balas, deixando apenas pequenas fendas para vinte e poucas metralhado-

ras Lewis e um grupo de morteiros que constituíam o material básico do arsenal. À frente dos portões dos fundos da catedral, um ninho de metralhadoras tomou forma entre madeiras e sacos de areia. As velhas pedras da calçada da Praça da Catedral foram arrancadas para uma segunda barreira improvisada que foi reforçada com cadeiras, mesas e panos tirados de uma fila próxima de lojas nepalesas. Centenas de vasos de plantas, com algumas flôres prematuras, formavam o parapeito daquela tôsca fortificação.

Os preparativos eram coordenados por um homem chamado Thondup, que fazia parte do conselho de Lassa e era, aos 28 anos, o mais jovem tibetano a exercer posição oficial. Alto e magro, possuía grande energia e trabalhou incansavelmente para construir as suas defesas. Paradoxalmente, enquanto êle dava ordens a policiais e soldados, centenas de lamas tratavam de seus deveres normais, estudando as escrituras diante das 2.000 estatuetas da catedral e meditando à luz de milhares de lâmpadas que exigiam cêrca de 6.500 quilos de manteiga por semana para mantê-las bruxuleando.

Pouco depois do amanhecer, Thondup subiu a um pôsto de observação sob o telhado dourado da catedral, o ponto mais alto de Lassa. Dali a cidade se estendia diante dêle, e Thondup volveu os olhos para a esquina da Rua Shagyari, nas vizinhanças. Larga e espaçosa, era a rua principal de Lassa e ali, num edifício

de quatro andares que dominava a Praça da Catedral, os chineses haviam instalado o seu mais guarnecido pôsto fortificado. Num canto de terraço, soldados chineses preparavam animadamente a primeira refeição. Thondup pôde vê-los sem ser observado e conta: "Isso me deu um curioso sentimento de superioridade, porque com uma metralhadora eu poderia ceifá-los todos, um por um."

De repente, o silêncio da manhã foi quebrado pelo crepitar de uma arma chinesa. Thondup tinha aconselhado seus homens a não atirarem em primeiro lugar, mas nesse momento um grupo de soldados tibetanos por trás da barricada de pedras da calçada tomou das armas para responder ao fogo. Thondup viu então grupos de homens seus correndo através do enorme pátio retangular da catedral, enquanto outros afluíam das sombrias galerias que o cercavam.

A tática dos chineses era ficar na grande casa de preferência a sair e aventurar-se em combates corpo a corpo. Compreendendo isso, cêrca de 20 tibetanos emergiram do precário abrigo da barricada de pedras e avançaram, disparando os fuzis Sten. Nenhum dêles podia ter esperança de escapar. Corriam diretamente para o fogo intensivo das metralhadoras que transformava a larga rua numa rêde de traços de balas.

Todos menos dois soldados tombaram, embora depois de chegarem suficientemente perto para lançar granadas na casa ocupada pelos chineses. Os dois soldados conseguiram

desaparecer dentro do edifício onde, segundos depois, Thondup viu duas ofuscantes explosões.

Foi essa a ação inicial, e a batalha logo se generalizou. Além da Rua Shagyari, marginando a catedral, havia um conglomerado de casas num emaranhado de estreitas vielas, algumas apenas de um metro de largura. Na noite anterior, um grupo de soldados e civis tibetanos tinha chegado a uma dessas casas e subira ao telhado protegido pela escuridão, levando metralhadoras e um morteiro. De repente, Thondup viu um rôlo de fumaça no telhado seguido pelo ruído surdo do morteiro. O projétil foi cair no meio dos chineses que estavam no terraço do seu baluarte. No mesmo instante foram todos obliterados em fumaça e estilhaços. Tomados de furor, soldados chineses com metralhadoras portáteis saíram em roldão da casa e se derramaram pela Rua Shagyari.

Era justamente isso que os tibetanos queriam e trataram de sair das suas pequenas vielas. Em segundos, a Rua Shagyari se transformou num campo de batalha com centenas de homens lutando em combate mortal. Do seu pôsto de observação, Thondup viu que era impossível distinguir na luta quem era quem. Devia haver 500 homens, cada qual empenhado—parecia—num duelo pessoal. Esse número foi diminuindo à medida que a rua ficava juncada de mortos e feridos. Os tibetanos estavam vencendo e os chineses eram forçados a bater em retirada.

Todos sabiam que em última instância os chineses poderiam facilmente esmagar qualquer levante. Mas “o futuro”, acredita Thondup, “não podia ser pior do que o passado”. E dêsse modo a impetuosidade e a audácia dos ataques tibetanos eram intensificadas pelo conhecimento de que “nada tínhamos a perder”. A vida não importava—contanto que se pudesse dar conta de pelo menos dois chineses. Como em Berlim Oriental, como em Budapeste, como em Praga, um povo que não pedia senão que o deixassem em paz fôra impellido além do ponto da tolerância passiva.

### O Corcunda da Catedral

ATRAVÉS de tôda a cidade, renhidas batalhas se travaram naquela sangrenta sexta-feira. Não existem dados exatos, mas acredita-se que mais de 2.000 civis tibetanos foram mortos. Muitos morreram diante do Centro Chinês de Transporte. Tinham marchado desarmados sôbre aquêle edifício levando bandeiras, cantando hinos patrióticos e entoando *slogans* antichineses. Em resposta, os chineses mandaram quatro guarnições de metralhadoras que atiraram na multidão com resultados devastadores.

As mulheres participavam da luta com freqüência. Muitas carregavam bombas de gasolina feitas em casa para jogar contra os postos avançados chineses. Foram grandes as baixas entre elas, incluindo as 20 que ficaram cercadas no edifício da Asso-

ciação de Mulheres e se negaram a render-se a uma patrulha chinesa. Foram mortas a tiros de metralhadora.

No coração de Lassa, o combate nas ruas cessou ao anoitecer e uma calma inquieta envolveu a cidade. Thondup havia perdido um número sem conta de civis e mais de 200 khambas e soldados, mas começou imediatamente a planejar a ação do dia seguinte. Virtualmente isolado, era impedido de receber reforços do Vale por um pequeno mas forte contingente chinês postado no Cinema Dhekyi-Wonang (Luz Feliz), logo depois das muralhas ocidentais da cidade. Se o cinema pudesse ser tomado, a estrada para o Vale estaria aberta.

Thondup decidiu mandar 70 voluntários contra o cinema. Atravesariam antes do amanhecer as baixas muralhas ocidentais e, no escuro, avançariam através dos campos e dos bosques existentes entre a cidade e o cinema. Em seguida, quando os seis morteiros da catedral comessem a lançar um fogo de barragem, atacariam.

De repente, Thondup descobriu que não dispunha de seis homens que soubessem disparar um morteiro. Era, porém, essencial que os chineses que estavam no cinema acreditassem que estavam sofrendo um forte ataque. Alguns tiros esporádicos de morteiros pouco valor teriam.

Foi nesse ponto que se apresentou uma figura estranha—um corcunda de 70 anos chamado Rupon Gurgur,

cujas costas tinham sido quebradas anos antes pelos chineses num brutal espancamento.

—Posso cuidar facilmente de cinco ou seis morteiros—disse êle.—As mulheres podem preparar as balas para mim e eu correrei de um para outro, disparando-os.

Pouco depois das quatro horas da madrugada, o ataque começou quando, para despistar, Thondup disparou várias longas rajadas de metralhadora contra a casa dos chineses na Rua Shagyari. Segundos depois, houve o primeiro tiro de morteiro, e então, para tranqüilidade de Thondup, o segundo, o terceiro e o quarto, em rápida sucessão.

Voltando às carreiras através da catedral, Thondup deparou com uma cena incrível. Quase todos os morteiros se tinham revelado defeituosos, mas Gurgur resolvera o problema. Thondup encontrou-o correndo de um lado para outro com o único morteiro bom nos ombros largos. Colocando-o no chão, atirava, e então, antes que a fumaça se dissipasse, apanhava de novo o morteiro e saía, meio a correr, meio a pular, para outro ponto, onde uma mulher o esperava com os projéteis. “Quis naturalmente ajudá-lo”, recorda Thondup. “Mas Gurgur me empurrou para o lado. O velho corcunda estava adorando aquilo tudo.”

Dos 70 tibetanos mandados contra o cinema, 40 foram mortos, mas os chineses foram quase totalmente dizimados. Depois disso, a catedral sitiada podia esperar socorro.

Em outros pontos os tibetanos estavam opondo uma resistência igualmente corajosa. Apesar dessas pequenas vitórias, porém, os chineses começavam a levar a melhor. No fim da manhã, o Palácio de Verão foi submetido a uma barragem de artilharia e um ataque direto. Os khambas e os soldados repeliram as tropas chinesas junto aos portões, mas os danos causados ao palácio apresentavam um espetáculo caótico. De acordo com um informe, 800 projéteis atingiram os terrenos, e cerca de 300 casas pertencentes a funcionários tibetanos foram destruídas.

Não se tinha permitido que qualquer notícia oficial da luta chegasse ao mundo exterior. A Rádio de Lassa tinha sido silenciada pelos chineses. "E era terrível pensar", diz Thondup, "que talvez ninguém jamais soubesse como o Tibete havia armado uma revolta contra o comunismo." Foi essa uma das razões pelas quais os khambas fizeram várias tentativas frustradas para tomar a estação. Um dos ataques quase teve êxito. Mas os chineses, que sabiam o valor da propaganda, não facilitaram, e o edifício foi guardado por um grupo de soldados de elite. Alguns khambas chegaram a penetrar na estação, mas foram todos capturados, postos em fila e fuzilados. Os chineses (como os tibetanos, nesse particular) não estavam a fim de fazer prisioneiros.

Na catedral, a situação estava-se tornando desesperada. Os chineses tinham tomado duas barricadas im-

portantes, e às quatro horas da tarde de sábado só a barreira de pedras da calçada permanecia em poder dos tibetanos. Depois da libertação do cinema, Thondup tinha esperado ansiosamente os reforços do Vale. Em vez disso, a estrada tinha ficado atravancada por intermináveis colunas de famílias, as mulheres arrastando-se atrás dos homens, com as crianças chorosas agarradas às saias. A maior parte da densa multidão que acampara durante duas semanas diante do Palácio de Verão estava faminta, sedenta e apavorada. O santuário da catedral passara a ser o seu objetivo. Ao anoitecer, o pátio e todas as capelas sagradas estavam repletos de gente dormindo, mulheres e crianças aconchegadas, venturosamente certas de que ali em terreno sagrado estavam em segurança.

Mas Thondup sabia que se os chineses irrompessem na catedral o morticínio seria terrível. O povo tinha de ser retirado dali. Conferenciou à meia-noite com vários oficiais de alta patente do Exército e pediu-lhes ajuda. Eles prometeram que fariam o máximo ao seu alcance. Mas já havia 10.000 pessoas enchendo a catedral e a praça. Ainda que não houvesse luta, seria preciso muito tempo para escoltar toda essa gente para fora da cidade. Os chineses esperariam?

Como que em resposta, um soldado tibetano chegou nesse momento com uma mensagem ao Palácio de Verão. Espiões tinham dado notícia de que os chineses pretendiam



# AQUI o cupom que v. procura

Para permitir a mais de um leitor do mesmo exemplar a remessa de cupons dos anúncios publicados na presente edição, SELEÇÕES repete, nesta página, o cupom do anúncio do seu interesse.



ESCOLAS INTERNACIONAIS PUBLICAÇÕES LTDA.  
Departamento 227/6 - Caixa Postal 6997 - São Paulo  
Peço enviar-me, sem compromisso, grátis, informações  
sobre os cursos.

NOME \_\_\_\_\_  
RUA \_\_\_\_\_  
CIDADE \_\_\_\_\_  
ESTADO \_\_\_\_\_

(Anúncio na página 5)

DYMO  
Caixa Postal, 4068 - São Paulo  
Desejo informações sobre o sistema Dymo

NOME \_\_\_\_\_  
RUA \_\_\_\_\_  
CIDADE \_\_\_\_\_  
ESTADO \_\_\_\_\_

(Anúncio na página 9)

DOM BOSCO - ESCOLAS REUNIDAS - Cx. Postal 7754  
Sr. Diretor: Peço livreto grátis sobre o Curso de:

NOME \_\_\_\_\_  
RUA \_\_\_\_\_  
CIDADE \_\_\_\_\_  
ESTADO \_\_\_\_\_

(Anúncio na página 129)

usar os seus tanques no dia seguinte. E o primeiro objetivo seria a catedral.

## A Fúria de um Povo

NA MANHÃ de domingo, 22 de março, os chineses lançaram um assalto de três pontas para reduzir a cidade à impotência. Enquanto as granadas de morteiros choviam sobre a catedral, as metralhadoras chinesas atiravam contra as multidões na Praça da Catedral. Em seguida, conforme o aviso recebido por Thondup, as frentes rombudas de três tanques chineses apareceram na outra ponta da Rua Shagyari.

O primeiro alvo foram os tibetanos que ainda ocupavam baluartes nas vielas estreitas ao lado da catedral. Girando descansadamente, as torres dos tanques dispararam nove tiros. Quando o pó acamou, havia grandes rombos nas casas amontoadas e o principal posto avançado tibetano era uma ruína. Em seguida, as torres giraram de novo e os tanques se dirigiram pesadamente para a catedral.

A essa altura, milhares de refugiados tinham sido mandados apressadamente de volta ao Vale, mas tinham deixado ainda alguns milhares que ofereciam uma resistência desesperada e espantosa diante dos portões da catedral. O primeiro ataque foi desferido por tropas chinesas, que irromperam da Rua Shagyari ao som das metralhadoras.

Tomado de frenesi, o povo tibetano barrou-lhes o caminho corpo-

ralmente, puxando, agarrando e rasgando o inimigo chinês que avançava. Alguns tinham armas de fogo, outros carregavam apenas paus ou facas. Até os açougueiros, que são párias no Tibete, acorreram de seu bairro com suas grandes facas e os seus mortíferos ganchos. Dentro em pouco, o povo tinha atingido os tanques e atacava-os com qualquer arma de que podia lançar mão.

Durante três horas os tibetanos conseguiram impedir que os tanques chegassem aos portões da catedral. Um tanque foi de fato incendiado. Nem mesmo as guarnições das metralhadoras chinesas da Rua Shagyari podiam subjugar os tibetanos, apesar de um tremendo morticínio. De acordo com um sobrevivente, toda a Praça da Catedral era um caótico campo de batalha. Cadeiras, mesas, vigas, tijolos, pedras das calçadas foram arrancadas das casas ou das ruas para fazer barricadas. Voavam balas por todo canto. Até as primeiras flôres amarelas dos dois velhos e sagrados salgueiros-chorões em frente à catedral (que se acreditava que tivessem brotado dos cabelos de Buda) caíram cortadas por balas perdidas.

Em dado momento, Thondup subiu de novo ao beiral do telhado da catedral—dessa vez para apagar um pequeno incêndio. Dali de cima viu o terrível castigo que os chineses estavam infligindo aos tibetanos. Entretanto, nada parecia intimidar os seus conterrâneos. Completamente destemidos, carregavam repeti-

damente contra as fileiras de soldados inimigos.

“Se ao menos eu pudesse dizer-lhes o que deviam fazer”, disse êle, “poderíamos ganhar batalhas sobre batalhas.” Mas nunca houve qualquer ação coordenada. Ninguém podia prever o que ia acontecer na meia hora seguinte, na rua próxima ou até na casa vizinha. Só uma coisa era certa—a derrota final.

Nas últimas horas da manhã, os chineses acorreram em carros blindados para socorrer os dois tanques sobreviventes. Êstes então começaram a atirar às cegas contra a multidão. Centenas de pessoas foram abatidas enquanto os tanques avançavam para a catedral. Outros deram meia-volta e fugiram ante a investida, pois a coragem não era mais um escudo em face do fogo implacável.

Dentro da igreja, Thondup compreendeu que o fim havia chegado. A própria catedral estava em ruínas e Thondup escapara por pouco da morte quando Gurgur o havia puxado da trajetória de uma viga que caía. Os dois homens ainda estavam queimando papéis oficiais quando Thondup ouviu o barulho de madeiras quebradas. Os tanques estavam derrubando os portões da frente. Abandonando o resto dos papéis, Thondup disse a Gurgur que corresse. Fugiram juntos, tomando a direção dos campos a oeste e do cinema que estava ainda em poder dos tibetanos.

Às duas horas, o tiroteio havia

cessado e os incêndios que ardiam em muitas pequenas ruas tinham sido apagados. Embora houvesse bolsões esparsos de tibetanos ainda ansiosos por lutar, especialmente entre os duzentos e tantos khambas que estavam no cinema, não havia de fato ninguém com quem lutar, porque os chineses se tinham evaporado.

Então, por toda Lassa começou o ruído de alto-falantes. Era a voz do General Tan dizendo a todos que depusessem as armas. Tudo seria perdoado. No cinema, o discurso foi recebido com gargalhadas e vaias. Mas outra voz se fez ouvir e um tibetano falou.

—Meu nome é Ngabo—disse a voz—e todos sabem que eu faço parte do ministério.

Ngabo disse que toda a luta devia cessar. Era uma ordem do Governo tibetano e não dos chineses, porque o Governo tibetano tinha decidido terminar a revolta. Ngabo assegurava aos seus concidadãos que o Dalai Lama não tinha sido morto, como diziam alguns. Mas fôra raptado pelos “reacionários”. “Voltem ao seu trabalho. Deponham as armas e continuarão livres.” Então, com um som rascante, a gravação terminou abruptamente.

Talvez só algumas pessoas compreendessem toda a extensão da traição de Ngabo ou que o Governo tibetano não tinha dado tal ordem de cessar fogo. Mas para os homens que estavam no cinema isso não fazia diferença. Arrumaram o pouco que tinham, meteram os revólveres na

cinta de seus *chubas*, colocaram as espadas nas suas pitorescas bainhas e partiram para as montanhas para continuarem a luta.

Thondup também, compreendendo que o levante tinha fracassado, preparou-se para deixar Lassa. Tinha certeza de que o Dalai Lama se dirigiria para a Índia e resolveu tomar o rumo sul e continuar a luta ao lado do homem a quem servira toda a sua vida.

Não havia chineses à vista quando saiu do cinema. O General Tan estava mantendo seus homens afastados das ruas até que as cabeças esfriassem. Thondup dirigiu-se rapidamente para a Rua Shagyari, teatro de tanta luta desesperada e tanto morticínio. Olhou para os edifícios marcados de balas e para as vigas enegrecidas e calcinadas que assinalavam o local onde uma casa se tinha erguido. Sacos de areia rasgados ou rebentados estavam derramados nos pavimentos. Por toda parte havia cadáveres e carcaças de animais. Aqui e ali, desolados civis voltavam para as suas casas através das ruas.

Ninguém parecia falar. As crianças não gritavam, os cachorros não latiam e até os mendigos o importunavam mais com gestos do que com palavras. Havia acontecido alguma coisa que não se podia traduzir em palavras, e Thondup sentia em todas as suas fibras o que isso significava. Era um silêncio que anunciava a morte de uma grande e nobre cidade.

## A Última Montanha

AS ESTIMATIVAS do número de tibetanos mortos na revolta variam extremamente. Em Nova Déli, uma notícia afirmou que “50.000 comunistas chineses e 15.000 rebeldes foram mortos na luta”. Dados que merecem mais crédito fixam em mais de 10.000 os tibetanos sacrificados—mortos ou mandados para trabalho forçado.

Não foram essas, porém, as únicas perdas para o país. A queda de Lassa, combinada com a notícia de que o Dalai Lama estava a caminho da Índia, foi o sinal para um êxodo em massa rumo ao sul. Da noite para o dia, muitas famílias, ricas e pobres, mas tendo tôdas em comum o mêdo de um reinado de terror dos chineses, desenraizaram-se, arrumaram o que foi possível dos seus bens e tomaram os caminhos desertos das montanhas.

As probabilidades de não chegarem à Índia eram enormes, porque poucos se atreviam a tomar as estradas normais. Os atalhos não constavam nos mapas e nenhum dos que deixavam suas casas podia ter certeza de que, alcançando o passo de uma montanha, daria com o caminho para a montanha seguinte.

Ninguém jamais saberá quantos tibetanos pereceram no caminho. Alguns foram capturados pelos chineses e executados e seus filhos despachados para Pequim. Outros foram vitimados pela fome ou morreram entre os cumes nevados. Muitos só che-

garam a solo estrangeiro graças à ajuda recebida dos mosteiros isolados ao longo do caminho.

O Dalai Lama e os que o escoltavam fizeram a jornada em duas semanas. Dirigindo-se em primeiro lugar para o Rio Tsangpo, 65 quilômetros ao sul de Lassa, atravessaram um difícil desfiladeiro a uma altitude de 5.200 metros. Quando chegaram a uma pequena travessia de barca no Tsangpo, tinham viajado quase sem parar durante 17 horas.

Depois de atravessado o rio, seriam protegidos pelas vastas cadeias de montanhas onde nenhum inimigo mecanizado poderia penetrar com sua fôrça. Mas estavam certos de que os chineses mandariam soldados para cortar-lhes a fuga, de modo que um forte contingente de khambas tomou posição no local da travessia do rio. Uma semana depois, os khambas travaram um furioso combate com uma grande unidade chinesa que estava à procura do Dalai Lama. Houve pesadas baixas de parte a parte e a barca de passagem foi destruída.

Durante o resto da viagem, o Dalai Lama e seu grupo foram guardados por uma fôrça invisível. Cada montanha, cada desfiladeiro, cada floresta densa de rododendros escondia centenas de guerreiros khambas, que os seguiam em silêncio, conservando-se longe das vistas, mas agindo como um grande manto protetor e transmitindo de um pico a notícia de que o rei-deus se aproximava. O próprio Dalai Lama achou a atmos-

fera fantasmal enquanto prosseguia, sabendo que, apesar do silêncio, “estávamos cercados de homens fiéis e decididos que nunca víamos”.

O Dalai Lama só teve notícia do levante quando já estava a cinco dias de viagem ao sul de Lassa. Recebeu uma carta do seu secretário particular, que tinha ficado. A carta contava todos os detalhes—inclusive o momento em que o Palácio de Verão se tinha tornado uma ruína deserta e fumegante repleta de mortos e os chineses foram vistos indo de cadáver em cadáver para examinar-lhes os rostos, especialmente os dos monges, para ver se o Dalai Lama fôra afinal morto ali.

Mas a notícia mais brutal viria dias depois pela Rádio de Pequim, que anunciava que Chou En-lai dissolvera o Govêrno tibetano e o substituíra pelo “Comitê Preparatório da Região Autônoma do Tibete”, do qual o Dalai Lama era o presidente nominal. Ngabo era o secretário-geral e vice-presidente.

Durante mais uma semana, o Dalai Lama prosseguiu lentamente rumo ao sul. Foi uma viagem penosa, e estava com o corpo ferido da sela. Quando se aproximavam da fronteira, foram acometidos pelo pior tempo que já haviam encontrado. Primeiro, foi a neve caindo pesadamente, açoitada por fortes ventos; veio depois uma chuva fortíssima e, na sua última parada, o Dalai Lama dormiu numa tenda com goteiras. Na manhã seguinte, sentiu-se terrivelmente mal e, quando tentou mon-

tar no seu cavalo, não se pôde manter na sela. Não era possível pensar em prosseguir. A chuva continuava caindo implacavelmente.

Depois de uma busca nas vizinhanças, os batedores encontraram a casa de um camponês e levaram o Dalai Lama para lá—e êle passou a sua última noite no Tibete em uma casinha suja e enegrecida pela fumaça, onde o gado mugia no térreo e os galos cantavam no alto do telhado. Na manhã seguinte, estava um pouco melhor, mas ainda não podia montar a cavalo. Um lavrador ofereceu-lhe um *dzo* (animal metade iaque, metade boi) de dorso largo e o Dalai Lama pôde continuar viagem.

O plácido animal talvez lhe tenha salvado a vida, pois muitos lamas, profundamente preocupados com a saúde do Dalai Lama, aconselharam-lhe uma permanência mais longa ali,



um território tão próximo à fronteira que eles não tinham qualquer impressão de perigo, embora soubessem que patrulhas chinesas tinham passado a alguns quilômetros dêles. Se o Dalai Lama tivesse demorado mais 24 horas ali, era quase certo que teria sido capturado.

Naquela noite—31 de março—o Dalai Lama deixou sua terra. Nada houve de dramático na passagem. Não havia marcos, nem cercas de fronteiras, nem alfândega. Êle se lembra pouco do momento histórico em que saiu de seu país cheio de serenidade, de picos altaneiros e de lamas devotos e místicos. Atravessou a fronteira rapidamente e com tristeza “num torpor de mal-estar, cansaço e depressão mais profundo do que posso exprimir”.

### “O Mais Grave Crime”

DECORRERAM 11 anos da noite em que o Dalai Lama fugiu da cidade santa de Lassa. Durante êsses 11 anos, a primeira onda de refugiados cresceu até se tornar uma impetuosa torrente de seres humanos que não puderam tolerar o comunismo. Até hoje mais de 85.000 tibetanos já procuraram a liberdade de uma vida nova fora da pátria. Pertencem a tôdas as camadas sociais, desde os lamas ilustres que viram os seus mosteiros arrasados a camponeses humildes que, impotentes, viram seus filhos serem arrancados de seus braços e mandados para Pequim para serem “educados”.

Muitos se estabeleceram na Índia

e vivem nas encostas mais baixas do Himalaia, separados da sua terra por pouco mais do que um pico de montanhas. Na cidade de Dharmasala, no Noroeste da Índia, o Dalai Lama instalou o seu govêrno no exílio e o lugar se tornou um cantinho do Tibete. Aí os altos lamas oram; aí os ministros velam pelos destinos dos tibetanos que vivem espalhados pelo mundo.

O Dalai Lama, ainda com aspecto jovem e com a mesma grave serenidade, não se arrepende de ter “seguido a política de não-violência até ao fim”. Ê ainda tão tolerante com as fraquezas humanas que, a despeito de tudo o que aconteceu, pode dizer: “Não sinto absolutamente ódio do povo chinês em meu coração.”

Para o Dalai Lama, uma coisa tem importado acima de tôdas as outras nestes últimos anos. Sabendo que “o Tibete é um gigantesco campo de prisioneiros”, compreende que o seu dever fundamental para com aquêles que não podem fugir está em tomar providências para que não sejam esquecidos. O seu primeiro pensamento depois da fuga foi levar o caso tibetano às Nações Unidas. No outono de 1959, uma resolução apresentada pela Malásia e pela República da Irlanda exigindo a observância dos direitos humanos no Tibete foi aprovada na ONU por 45 votos contra 9 e 26 abstenções.

O debate tornou-se um confronto político entre as grandes potências, durante o qual a Rússia aproveitou para lançar invectivas contra o de-

legado dos Estados Unidos. O Dalai Lama comentou tristemente: "Foi uma pena que considerassem nosso caso um episódio da guerra fria."

A história da opressão chinesa no Tibete foi confirmada em todos os detalhes pela Comissão Internacional de Juristas. Essa associação jurídica independente que recebe apoio de 50 países colheu provas suficientes para considerar os chineses culpados do "crime mais grave de que se pode acusar qualquer pessoa ou nação"—genocídio—"a intenção de destruir, no todo ou em parte, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso como tal".

Nunca poderemos saber o número de tibetanos que foram levados para campos de trabalho ou assassinados nos últimos 11 anos. Indubitavelmente dezenas de milhares de pessoas foram mortas sem julgamento por "crimes" que aos olhos do mundo livre pareciam ridículos. As provas apontam métodos particularmente brutais de morte—por escaldamento, queimadura, crucificação, vivissecção, sepultamento em vida e sempre que possível diante de um público de amigos da vítima. Mosteiros foram destruídos aos milhares. Tão grande é o ódio da China Comunista a tudo o que é espiritual que veneráveis lamas foram até atrelados a arados e usados como cavalos.

A par do quase extermínio dos

tibetanos, a China vem desenvolvendo o potencial militar do país. Pois se a China espera um dia dominar a Ásia, o Tibete oferece um trampolim perfeito para o ataque. "Não há outro país na Ásia que tenha a importância estratégica do Tibete", acredita o Dalai Lama. "Com armas modernas, as suas montanhas podem ser transformadas numa cidadela quase inexpugnável de onde será possível desfechar ataques contra a Índia, a Birmânia, o Paquistão e o Sudeste da Ásia, destruindo a religião desses países como a nossa vem sendo destruída e difundindo ainda mais o ateísmo."

Êsses acontecimentos trágicos forçaram afinal o reconhecimento da natureza impiedosa do comunismo numa parte do mundo que até então tinha preferido não tomar conhecimento d'êles. A revolta no Tibete e as suas terríveis conseqüências provaram à Ásia e à África—onde o imperialismo tem sido identificado com o Ocidente—que surgiu um novo imperialismo e que vem do Oriente.

Enquanto isso, Lassa entrou para a irmandade das cidades silenciosas onde rebeliões foram esmagadas pelos tanques comunistas. O seu povo está unido por êsse laço a homens do mundo inteiro—o laço daqueles que lutaram corajosamente, e sôzinhos, pela liberdade.

(Tradução de Pinheiro de Lemos)



# Um bom dia começa com Kellogg's.

Crianças ativas, que gastam muita energia, precisam de proteínas e carboidratos.

Uma boa fonte de energia é uma refeição matinal com Sucrilhos Kellogg's, vitaminados e tostadinhos. Fácil! Basta acrescentar leite e estão prontos para comer. Com suco de frutas, um copo de leite, pão e manteiga, esta refeição matinal dará aos seus filhos as proteínas e carboidratos que eles precisam para começar bem o dia e continuarem ativos. E como eles gostam de Sucrilhos Kellogg's!





# AQUI ESTÁ UM PRESENTE PARA QUEM CONHECE A NOBREZA DA VELHA MADEIRA: FÔRRO DURAPLAC.

Pois é, criamos o fôrro que veio reabilitar a nobre e esquecida madeira. Ele dá a você ambientes mais acolhedores. Plaqueta Duraplac de 40 centímetros, prontinha para colocar.

Sem problemas de pintura e acabamento. Resistente ao tempo, às goteiras, à sujeira.

Esse novo fôrro também lhe dá muita escolha:

pinho-de-riga, jacarandá-da-bahia, caviuna, marfim, mármore, e as cores azul, verde, areia pérola e rosa.

A variedade permite um mundo de soluções.

Ponha sua imaginação a funcionar e pense como você pode tornar sua casa mais bonita e gostosa.

E depois de pensar um pouco, olhe para cima e comece a detestar os forros neutros e frios.

**PLAQUETA PARA FÔRRO**  
**DURAPLAC**



produto da  
**DURATEX S.A.**



# A outra face de Belina

Corcel Belina Luxo Especial. A Ford-Willys fez este Corcel para aquelas pessoas que olham um carro com outros olhos. E querem ver outras coisas. O Corcel Belina Luxo Especial mostra.

Dentro, mostra o acabamento refinado nos mínimos detalhes: painel, tapetes, estofamento, fôrro das portas, luzes de cortesia, radio etc.

E mostra um porta-bagagem que vale por dois (tem 855 dm<sup>3</sup>, ou 1.680 dm<sup>3</sup> se você reclinar o banco traseiro). Fora, mostra o corpo mais bonito do Brasil.

Ah, aquelas faixas laterais em jacarandá!

O Corcel Belina Luxo Especial já tem dono. São essas pessoas que podem comprar seus privilégios.

E compram.

**CORCEL BELINA** 

Em 70 a Ford-Willys dá a você o privilégio da escolha. Veja a linha Corcel: Cupê, Sedã (standard e luxo), GT, Belina, (standard, luxo e luxo especial). Adquirá-os também através do Consórcio Nacional.

